3.º ANNO — N.º 12 * 2.ª SERIE * 1897 — DEZEMBRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.mo Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos, etc.

BRAGA
Typ. de J. M. de Souza Cruz
102, R. Nova de Souza, 106
—
1897

BIBLIOTECA SEMINARIO DA LUZ ORDEM FRANCISCANA

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARIO:—*Coragem exemplar de uma senhora franceza.—A franc-maçonaria perseguindo o* P. Fyten *com a sua arma favorita — a calumnia.— Desmandos do parlamento austriaco.— a maçonaria e o judaismo em acção.*—O «Jornal do Recife» *e os tres pontinhos, tozados a valer pela* «Era Nova» *e pelo clero de Pernambuco.*—A Luz.·. *heretica e anti-patriotica; albitre do chronista da* «Voz» *para estas duas enfermidades que affligem a coitada.*— A Luz.·. *a prègar a moralidade da maçonaria, que, ao contrario do que ella diz, com o exemplo dos grandes santarrões da seita, se prova ser immoralissima e altamente desprezivel.*

Meu caro amigo:

Acabo agora mesmo de ler um facto fresquinho, acontecido em França e praticado por uma senhora, que podia collocar-se a par dos intrepidos defensores da fé dos primeiros tempos do christianismo.

O meu amigo de certo se recorda das injuriosas e blasphemas palavras que contra Nosso Senhor pronunciou o blasphemo franc-maçon de quem tantas vezes lhe tenho fallado: pois essas palavras andam agora, em lettras de legua e meia, espalhadas pelas esquinas das casas de muitas cidades francezas.

Ultimamente uma senhora, como refere *La Bourgonhe,* ao dobrar uma esquina, reparou n'um d'esses infames pasquins, approxima-se e, sem mais tir-te nem guar-te, fel-o em tiras; e, como a pouca distancia visse outro pasquim com os mesmos dizeres, affixado no muro de uma escola, fez-lhe a mesma operação. Quando a corajosa senhora estava no melhor da festa, approxima-se-lhe um *monsieur* qualquer, e, com semblante iracundo e façanhudo, procurou assustar a pobre senhora sahindo-se com esta: — «Mas a senhora não tem direito de rasgar esses cartazes: ora espere que a vou já mandar prender.» — «Senhor, respondeu ella com a maior naturalidade, estou ás suas ordens, póde mandar-me prender, e fique desde já sabendo que muito me orgulharei se fôr presa por haver defendido aquelle Deus que sempre tenho amado e adorado, e que trabalhei que fosse amado e adorado de meus filhos». O homem houve por bem metter a viola no sacco e seguir seu caminho. Faz-me lembrar o historia do gallego que, na occasião de um terramoto, principiou a ralhar com a terra por ella tremer, sem se lembrar que estava elle ali, o peor foi que, no meio do aranzel, deu um baque tão desastroso que se lhe ia tornando inutil o uso de cadeiras e sophás.

E ahi tem o meu amigo uma mulher que era capaz de dar lições de coragem a muitissimos homens. Eu penso assim: n'um seculo como o nosso, cada qual deve desassombradamente dizer o que pensa e sente, sem mêdos ao papão do respeito humano, mormente com os senhores franc-mações.

— Assente mais esta no seu livro de lembranças, que vale a pena: Ha doze annos foi o P.e Fyten levado aos tribunaes pela franc-maçonaria franceza; mas, como o principal figurino que devia occupar um logar importante no rol dos accusadores, com esperança de extraordinaria sensação, era uma creança a quem haviam ensinado muito bem o recado, chegado que foi o rapazelho ao tribunal, esqueceu-lhe tudo, confessando com ingenuidade toda a trama dos tres pontinhos. E o que lhe valeu aos melros.·. foi ser o juiz um matreiro franc-mação, que teve artes para encobrir a tremenda responsabilidade dos collegas.·., quando não elles é que iam tomar um boccado de fresco á cadeia.

Os franc-mações ficaram fulos, quando viram o innocente sacerdote levado em triumpho pelos seus parochianos e amigos, do tribunal, onde se reconheceu a sua innocencia, para o presbyterio.

Agora surge contra o bom do padre a mesma accusação calumniosa, encontrando-se ha 75 dias incommunicavel. Os franc-mações, como são o que sempre foram, mentirosos e calumniadores, estão, muito naturalmente, reeditando a calumnia de ha doze annos. Bem diz o nosso bom povo, que tem mais juizo do que «elles: — «cesteiro que faz um cesto faz um cen«to, se tiver verga e tempo».

— O amigo que está ahi mais perto da Aaustria, ha-de ter sabido melhor do que nós o que vae pelo parlamento austriaco. A julgar pelo que dizem os *papeis,* aquillo a modo que dá visos de qualquer sarrabulhada das que ás vezes se guisam na feira da ladra da nossa Lisboa.

Ainda faltava mais esta para desacreditar os rouxinoes do porlamentarismo, já bem pela rua da amargura. Tenho pena de Francisco José, digno de melhor sorte; mas o bom do imperador está colhendo agora os fructos dos seus descuidos e mal entendidos desleixos. Deixou que a maçonaria, introduzida pelo famoso Ir. Beust.·., de mãos dadas com essa raça maldita de judeus que por lá fervilham, chegasse aos pés do throno? pois soffra-lhe agora as consequencias. Serpentes venenosas não se acalentam, esmagase-lhes a cabeça que é para não morderem.

— A maçonaria de Pernambuco (Brazil) anda levadinha da breca. Os saltimbancos triangulares quizeram unir-se com os conferentes de S. Vicente de Paulo, que tiveram o bom senso de os porem no olhinho da rua por indecentes e más figuras. Os homens das estrelinhas.·. juraram tremenda vingança. Lembraram-se, pois, de convidar publicamente o clero a celebrar as exequias de *uma sucia* de trolha e avental com os avelhudos franc-mações, primeiro eram zuns-zuns, probabilidades depois e finalmente absoluta certeza havida de fonte limpa, e tudo isto era a questão palpitante, a questão do dia, para os jornaes da seita, já se vê; os padres porém que não estavam para gastar cêra com ruin defuncto, fizeram ouvidos de mercador, não acceitaram. Era a cousa mais natural do mundo. Quem quizer as preces da Egreja ha-de viver e morrer como bom filho. Viver e morrer hereje e querer suffragios de catholico? E' cousa que não se admitte. Insultar a Egreja, desprezar os seus preceitos, combater os seus dogmas sacrosantos, e, depois, querer que ella o abençôe por meio dos seus sagrados ministros, sem que haja nem arrependimento nem reparação? Era o que faltava!... Que lhes façam as suas pantomimas os veneraveis, e mestres e toda a cansoada maçonica. Pois então? quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle.

A modo que a historia de Pernambuco que faz lembrar a outra de Elias Garcia, grão-mestre da maçonaria portugueza e a cujos funeraes o Ex.mo Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa nem quiz assistir nem consentiu que nenhum dos

3.º ANNO — N.º 12 2.ª SERIE 1897 — DEZEMBRO

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

Gloria in excelsis! — Impressões — Maria.
I Parte — Secção Doutrinal: A V. Ordem Terceira da Penitencia — Santa Protectora para o mez de janeiro — Indulgencias.
II Parte — Secção Historica: Vida de Santa Rosa de Viterbo — Pensamentos Anecdotas.
III Parte — Leituras Amenas: Historia de Natal.
IV Parte — Culto de Sante Antonio — *Portugal:* Novos Associados da Pia União — Braga — Lisboa — Setubal — Açores, etc. — Esmolas para o pão dos pobres — *Estrangeiro:* Hespanha — Armenia — Recommendações — Os nossos defunctos.
V Parte — Secção Scientifico-Litteraria: Quadros biblicos — A noite de Natal *(poesia)* — Amor e gloria *(poesia)* — Mousinho d'Albuquerque *(poesia)* — Bibliographia — As nossas illustrações.
VI Parte — Chronica Universal — Varia.
Gravuras: O menino Jesus de Praga — Convento dos Maronitas (no Libano) — Egreja de S. Pedro de Cadeñas — Collegio das Irmãs Hospitaleiras em Guimarães (annexo ao Hospital de S. Francisco) — Um principe do Libano.

A todos os nossos estimaveis assignantes e leitores, e a todos os nossos bons amigos,

Boas-Festas e um anno venturoso.

GLORIA IN EXCELSIS!

A quantos mil annos não foram pronunciadas estas magneticas palavras, em tom festivo e alegre, por sobre a gruta de Belem! Foram cantores celestes os que primeiro as entoaram. Poucos tiveram a dita de escutar aquelle hymno arrebatador. Mas a tradição christã não o esqueceu; conservou-o no escrinio mais precioso dos seus archivos, passou-o á posteridade, ensinou-o a todos os filhos dos homens de boa vontade, pol-o na bocca dos sacerdotes, mandou entoal-o sobre os altares e repetil-o sem cessar até á consummação dos seculos.

Tão antigo, é sempre novo aquelle cantico.

Tão singelo, é magestoso. Tão simples na fórma, é profundo no conceito.

Tão breve, é immenso! Repetido sempre, não enfastia nunca. Nunca se veste de crépes, é sempre festa, sempre jubilo, sempre alvoroço e contentamento! Qual a razão?

Ah! é que elle é um echo do céo; veio do céo com os seus auctores, do céo é o heroe que elle canta, o céo é o ideal que o inspira e o céo é ainda o unico palco em que esse hymno póde ser verdadeiramente cantado: *Gloria in excelsis!*

Quando os anjos o entoaram a vez primeira com voz sensivel a ouvidos mortaes, cheios de enthusiasmo, espandiam suas azas rutilantes de ouro e luz, mas não tocavam a terra. Era das alturas que elles cantavam. E' que da terra não podia partir um cantico que traduzisse fielmente o enthusiasmo d'aquella hora. E' que sobre a terra não póde haver gloria real, como nas trevas não ha luz, como na morte não ha vida, como no carcere não ha liberdade. E o mundo então era tudo isto: era carcere, éra trévas, era morte.

E' esta a reflexão séria que todos os annos o dia de alegria por excellencia, o Santo dia de Natal, nos traz ao pensamento junto com as ondas de indescriptivel enthusiasmo que enche, a transbordar, os corações christãos. Porque motivou gloria tão sómente nos céos e não tambem na terra, se o rei da gloria se acha agora na terra?

Sim, acha-se na terra, mas sem a sua gloria. Essa ficou no céo, não baixou com Elle á terra. Gloria é a manifestação da propria grandeza. Mas debaixo d'essa tosca lapa a quem revela a sua grandeza? Não o cercam as myriades de alados seraphins, não se vê empunhar o sceptro do universo, nenhum signal de realeza; antes, pelo contrario, tristeza, dôr, angustia são o cortejo que o segue n'aquella noite de rigoroso inverno.

Eis porque os anjos, perante um tal espectaculo não dizem gloria a Deus senão no céo. Na terra não ha sequer vestigios d'essa gloria. E se para o Rei da gloria não ha gloria sobre a terra, pois que os anjos lh'a não dão, poderá havel-a para nós tristes mortaes?!

A nós resta-nos um outro dom, senão tão magnifico como a gloria, nem por isso é menos apreciavel, nem menos util aos tristes filhos de Eva a quem somente é dado contemplar as agruras do presepio: *a paz.*

As mesmas linguas d'ouro que, a horas mortas da noite, diziam gloria a Deus no Céo, davam paz aos homens na terra. Traziam-lhes a paz que fôra promettida ha um sem numero de seculos, a paz que seria a base da lei nova, fundamento e bem supremo da humanidade. A paz sim, que é compativel com todos os estados, com todas as phazes da vida humana, que póde acompanhar todas as miserias, seguir todos os infortunios, mitigar todas as dores, essa é o grande dom que é dado aos homens fruir abundantemente ainda mesmo no triste valle de lagrimas. Felizes os que comprehendem qual foi a paz que desceu á terra com a vinda do Salvador! São estes os bemaventurados pacificos, senhores do reino dos céos.

Taes foram as breves reflexões que nos occorreram deante d'um pobre presepio, cercado de espectadores curiosos, que a tudo attendiam menos á lição solemne que alli estava repetindo, debaixo d'uma linda gruta artificial, uma encantadora imagem do Menino Jesus!

IMPRESSÕES

(ENTRE O POVO)

Como é interessante e bello contemplar o povo em seus dias solemnes de festa!

N'elle é que é estudar o mundo interior, subjectivo, nunca assaz conhecido e explorado. As manifestações de seu espirito são espontaneas e naturaes, sem terem a reprimil-as ou a desfigural-as os convencionalismos que impõe o que se cha-

ma civilidade ou moda. Ahi é que é estudar o homem do natural.

Ha dias consagrados em que o povo dá liberrima expansão á sua alma, e o que elle é, pensa, o que sente, tudo ahi se nos desvenda, vivido, ardente, completo.

O povo é profundamente crente. A nota dominante nas exhibições de sua alma é sempre a fé, e é por via d'esta que tomam quasi sempre relevo seus sentimentos, ainda os menos em harmonia com ella.

Vêde-o n'um dia de festa tradicional a algum santo:

Os camponezes accorrem alegres e pressurosos, com seus fatos domingueiros, para a aldeia. O estralejar dos foguetes annuncia-lhes o suspirado advento do dia festivo que, por entre os regosijos de uso, deixa entrever o passado em perspectiva de saudade.

— Se esta festa já era do tempo aureo de nossos avôs...

E na vigilia, á noite, quando á luz baça d'um cepo que arde crepitante á lareira, o rude lavrador lança com a magestade d'um Jacob a benção a seus filhos submissos e fortes como os novilhos que urram no curral, então parece reviverem, erguerem-se d'onde jazem, ha cem annos, entes queridos n'uma harmonia flagrante d'affectos.

E' uma reviviscencia annual da alma dos que já se foram, mas que vivem, fallam, sorriem no mesmo local e em identico dia com os que d'elles provieram. E' um accordar n'alma de mil sentimentos que só então nos agitam a nós, o povo. A fé de nossos paes não é uma velha coisa archivada n'um museu de curiosidades, é uma realidade que se impõe em certos momentos, magestosa e solemne.

Isto pelo menos, é o que tenho tido occasião de observar, convivendo com o povo, deixae-me dar-vos conta de minhas impressões, astringindo-as principalmente ás festas de S. Luiz de Tolosa que no Algarve, abaixo da Virgem Maria, occupa o logar de honra.

***

Era quasi sol posto. Uma ermida a S. Luiz, levantada n'uma encantadora aldeia do Algarve, estadeava-se branca como o bello dos cordeiros que vão ali, perto, pascendo entre o matto, e enflorada e festiva mais que um casal em dia de noivado. Os derradeiros raios do sol vinham, dourados e saudosos, filtrar-se pelas vidraças das janellas, e ferindo a imagem do santo nimbavam-lhe a fronte d'uma aureola transparente e fulva de ouro. Elle parecia tristemente sorrir com a homenagem reverente do sol. E por entre aquelle arremedo da natureza, que ali tinham posto verde e florido, de certo o santo havia de sentir-se tão feliz como outr'ora seu pae S. Francisco quando percorria as veigas ridentes da Umbria.

Comtudo entrando na capella, a tristeza invadiu-me teimosamente o espirito. Quiz dissipal-a como importuna; não foi possivel.

Aquellas paredes a esfarelar-se de velhas, aquelles ramos, aquellas flores que, dissimulando os estragos, no dia seguinte alastrariam o pavimento seccas e inuteis, afiguraram-se-me um symbolo que significava e traduzia o estado moral do povo que lá fóra gritava estridulamente d'alegre e satisfeito ao som dos foguetes, ria e foliava. E o rosto do santo, a que os ultimos raios do sol abandonaram, ligeiramen-

O Menino Jesus de Praga

te severo, parecia harmonisar-se com o meu pensar.

O povo ama-te, mas não te conhece bem, gracioso S. Luiz! tem fé em ti, sem te conhecer a vida portentosa!

Estava eu embebido n'estes pensamentos, quando um grupo de creanças, alegres e bellas, passaram cantando:

Habitantes d'esta terra,
Vossas ruas asseae:
Amanhã ha procissão;
S. Luiz por ellas sae!

Ide, innocentes, intimae a necessidade do asseio, vós que tendes as almas puras como crystal! Se soubesseis que S. Luiz foi sempre um joven candido como o lyrio, rejubilarieis e darieis mais uma inflexão doce e terna ao vosso cantar.

N'isto, ia-me já apartando da ermida quando dei de rosto com o José do Valle, todo banhado d'alegria que lhe dava ás rugas dos 73 annos uns reflexos vagos da mocidade que lá se ia perdida e tão longe.

— Então por aqui, tio José?

— E' verdade. Venho agradecer a S. Luiz um grande beneficio que me fez.

— Ora, conte-me como isso foi, que sempre levo gosto em saber.

— Foi que deu um mal tão forte no meu burrinho que estava já a morrer. O compadre Antonio alveitar já não fazia conta com elle. E era, como voss'oria sabe, carretando algum carvanito [1] no meu burrinho que eu arranjava com que sustentar-me. Afflicto, peguei-me a S. Luiz, promettendo um animalzinho de massa para o dia de sua festa. E o burrinho, bemdito seja Deus, poz-se bom. Agora vou dar graças ao santinho.

— Vá, vá, e peça-lhe que lhe dê vida e saude para se gozar de seu jumento.

E o bom do velhote foi.

Estas as impressões que recebi na vigilia da festa de S. Luiz.

A nota que resalta sempre em todas as manifestações de culto a este santo é o reconhecimento ardente pela sua protecção secular aos animaes.

Acima do religioso modelo, do prelado eximio, do joven candidissimo, está, para o povo do Algarve, o *advogado dos animaes*.

*

Corrigenda. — No meu ultimo artigo sobre S. Luiz sahiu um erro notavel; onde se lê o *cadaver da christandade*, deve de ler-se o cadaver ainda quente do luminar da christandade.

PONTES.

[1] Provincianismo; diminutivo de carvão.

MARIA

DIMHA terna e doce mãe! Teu nome sôa aos meus ouvidos como uma mystica e suavissima harmonia.

Quem te não ama? quem não traz no intimo teu grato nome a perfumar-lhe a vida?

Que affaveis enleios, tão magos, nascem ao volveres para mim teu terno e meigo olhar, que vella por mim desde o berço até aos umbraes da sepultura.

No mar procelloso da vida, és a estrella que me guias e sorris d'alem d'um novo e ditoso porto.

Quantas vezes com o peito lacerado de espinhos e a alma doente e amargurada, sinto, de melhores dias, murchar a mimosa flôr da esperança? Mas... um sorriso angelico bordando teus labios immaculados e santos, dá-me alento, dá-me bonança.

Tu és a minha unica esperança!

E este laço ou affecto que me liga a ti, viceja nos prantos, nas dôres se avigora, zomba do mundo que é todo agreste, e em pleno inverno se desata em flôres.

E' ella que me sustenta no meio das amarguras da vida. Se não fôra ella quantas vezes me não teria fraquecado o animo e não houvera eu amaldiçoado a existencia!

Com os olhos no mysterio d'alem da campa é que ella me conforta fazendo-me entrever o sereno e radioso alvorecer de uma existencia feliz e ditosa!

Abraça o triste que por ti suspira!

Leva-o d'este mundo de vis torpezas e illusões ephemeras e enganadoras, e deixa que desafogue em teu casto e materno seio todas as magoas e tristezas que lhe vão em seu coração.

Ai dos que não esperam em ti!

L. G. D.

Convento dos Maronitas (no Libano)

SECÇÃO DOUTRINAL

Ordem Terceira

Acção social da' Veneravel Ordem Terceira sob as aspirações de Leão XIII

Com inculcar aos fieis a Ordem Terceira de S. Francisco, o Soberano Pontifice outra coisa não visou mais que fazer renascer em nossos dias os fructos de salvação que ella acarreou para a' sociedade na primeira quadra da sua existencia. Ao que ousar denegar-nos a verdade d'esta asserção remettemos d'antemão para a Encyclica *Auspicato* onde o grande Pontifice exhibe de prompto os seus ideaes:

«No seculo XII, a par de grandes virtudes vejetam grandes vicios, e, acima de tudo, avulta um estado social defeituoso: fome das honras e das riquezas, abuso do luxo e desmancho das paixões, concentração do poder e das riquezas nas mãos d'um pequeno numero e sapato de ferro por sobre as multidões; competições, rivalidades, odios, guerras civis e guerras entre cidades visinhas».

«S. Francisco d'Assis cortou por tantos males com a pratica das leis evangelicas que personalisou, e com que perfumou as diversas nações estribado nos esforços de seus companheiros d'armas, e designadamente na Ordem Terceira que fundamentada na pratica do dever foi um forte esteio contra os viçios da epocha».

«Os tempos que de presente vão correndo espêlham d'um modo lacrimoso os de S. Francisco d'Assis nos males de que é já tocada ou ameaçada a nossa sociedade. Gelou-se a caridade, e ou seja ignorancia ou negligencia, os deveres da vida christã estão postos ao abandono. E'-se avido de satisfação e de prazeres; para tapar a bocca ás paixões prodigalisa-se-lhes bem proprio e esvasêa-se-lhes o dos outros. Formam-se fraternidades e só se conhecem egoismos; não se encontra ahi já piedade para os pobres e os fracos».

«Os reviramentos sociaes almejados outr'ora pelos Albigenses, quer hoje em dia resuscital-os esse *Naturalismo* a cujo sopro nasceu e se robusteceu o *Socialismo:* revolta contra a Egreja, accommettimentos teimosos e graduados contra o poder civil, tropel de multidões accesas contra o estado social, cubiças desenfreadas entre os proletarios, fundamentos da familia e da ordem publica espedaçados — tal é o espectaculo que nos offerece a sociedade actual».

«No meio de tantos e tamanhos males, prosegue o Papa, comprehendeis bem, Veneraveis Irmãos, o quanto nos importa esperar das instituições franciscanas retornadas a seu primeiro estado».

Leão XIII formula depois um plano (a que nos devemos ajustar), dos fructos a esperar d'uma restauração d'obras franciscanas. Remata emfim sua Encyclica com exhortar os christãos a imparceirar-se nas fileiras da Ordem Terceira e a entrar-se do espirito do Patriarcha d'Assis, e os ecclesiasticos a ensinar-lhes a facilidade da agremiação, e os bens que d'ella advêm para o andamento individual e social.

Não era davel ao Soberano Pontifice affirmar com mais clareza a utilidade social e a missão da Ordem Terceira Franciscana em nossos dias. A ordem Terceira de S. Francisco não é pois na concepção de Leão XIII uma simples associação de piedade, de conserva para umas poucas d'almas refugidas do mundo em cata de utilidade pessoal sem visar alguma acção social.

E' por instituição canonica uma Ordem verdadeira aberta a todos christãos que vivem no mundo entregues ao trabalho e aos proprios cargos. Tende particularmente a encarnar na vida de cada um e na vida de todos o espirito do Evangelho, que condensa o remedio para todos os males de que soffre a sociedade actual. Comprehender d'outra sorte a Ordem Terceira é apertar-lhe a acção e concebel-a em sentido opposto ao Summo Pontifice, é transvial-a do seu destino.

A Ordem Terceira, pois, deve exercer uma acção social. Mas onde estriba esta acção? Ninguem melhor do que Leão XIII nol-o pode indigitar. N'essa mesma Encyclica onde alenta esperanças fagueiras so-

bre a Ordem Terceira, ahi mesmo precisou o que espera d'ella.

Em geral, a Ordem Terceira deve de contribuir para a chamada dos homens á pratica da lei evangelica. Esta a missão de S. Francisco d'Assis; este o apostolado que Leão XIII aguarda da Ordem Terceira. Este voltar dos homens á pratica do Evangelho é a garantia do bem social: «A cura só então será certa, diz o Papa, quando o genero humano retornar á profissão da sabedoria christã e ao cumprimento dos preceitos de vida encerrados no Evangelho».

Tal é, pois, a lei essencial da Ordem Terceira; tal é o seu espirito: reavivar em cada um de seus membros, e, por via d'elles, nas sociedades domestica e civil, a pratica da lei evangelica. E se quereis ter á mão um commentario autorisado d'esse artigo fundamental que se destine particularmente ás condições actuaes da sociedade civil, lêde a Encyclica *Sapientiæ christianæ* onde são expostos com todas minudencias os deveres dos christãos considerados como cidadãos.

Na Encyclica *Auspicato* não se delimitou Leão XIII a esse artigo geral, mas indicou por miudos e como importa aos Terceiros dar-se mais em particular á pratica da moral christã.

Os principaes deveres a que se devem atêr os Terceiros resume-os o Papa nos quatro pontos seguintes:

1.º — *A vida christã nos individuos:* fé, piedade, virtude christã sob todas as fórmas, fuga do nimio cuidado das coisas terrenas, paixões dobradas ao jugo da virtude.

2.º — *Relações com o proximo:* união fraternal, troca santa d'amores, respeito ao pobre e ao affligido tidos como imagem de Nosso Senhor.

3.º — *Deveres da sociedade civil:* d'um lado, sujeição aos poderes legitimos; do outro respeito aos direitos d'outrem: Coisa nenhuma, diz Leão XIII, é tão efficaz, como esta disposição de espirito para levar de raiz toda a defeituosidade n'este ponto, a violencia, as injustiças, o espirito revolucionario, o antagonismo das classes na sociedade que dão nascença e forjam armas ao *Socialismo*.

4.º — *Accordão proclamado pela ideia christã entre o rico e o pobre:* que todos se persuadam que a pobreza não é ignominia; que o rico deve de ser misericordioso e dar copiosamente, e que o pobre se deve de alegrar com sua sorte e com seu trabalho, que ambos entrem na convicção de que não estão no mundo para se prostrarem a bens passageiros, mas que hão de chegar ao céo, um pela paciencia e o outro pela liberalidade.

D'est'arte, para nos atêrmos sómente ao que implica com a *questão operaria* de que aqui designadamente fallamos, devemos lembrar que a moral evangelica praticada como espera o Papa ser praticada pela Ordem Terceira volvida ao seu primitivo espirito, terá por effeito a observancia das virtudes porque se resolve toda a questão social obreira: a *justiça* da parte de todos e para bem de todos, o *respeito* e a *caridade* do rico para com o pobre, a *paciencia* e a *satisfação* do pobre na sua propria indigencia e trabalho.

Santa Protectora para o mez de Janeiro

Santa Jacintha de Mariscotti, virgem romana da 3.ª Ordem. Entrou n'um convento de terceiras em Viterbo, mas infelizmente a sua vida não éra das mais exemplares. Mandou-lhe Deus uma pesada enfermidade que com affligil-a no corpo lhe abriu de vez os olhos da alma. Convalescendo expiou com grossas penitencias a tibieza e dissipação da sua vida passada.

Falleceu em Viterbo no anno de 1640. Pio VII a canonisou.

Absolvição geral

No dia 1 — Circumsição do Senhor.
No dia 6 — A Epiphania do Senhor.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1.ª — No dia 10 — Circumsição do Senhor — (Leão X, 29 de Março de 1515; Pio IX, 12 de Março de 1855).

2.ª — No dia 6 — Epiphania do Senhor — (Leão X, 29 de março de 1515, Pio IX, 12 de março de 1855.

3.ª — No dia 14 — 1) Triumpho do Santissimo nome de Jesus — (Bento XIV, 14 de Setembro de 1745) — 2) Beato Bernardo de Corleone da 1.ª Ordem — (Clemente XIV, 7 de Novembro de 1769; Pio VII, 18 de Janeiro de 1820).

4.ª — No dia 16 — Santos Berardo, Pedro, Oto, Adjuto e Accursio, Martyres, da 1.ª Ordem — (Clemente XII, 11 de Janeiro de 1735; Bento XIV, 8 d'outubro de 1741; Pio VI, 10 de Março de 1781).

5.ª — No dia 23 — Os Desposorios da Beatissima Virgem Maria com S. José — (Pio IX, 2 de Junho de 1851).

6.ª — No dia 28 — Beato Matheus de Agrigenti, Bispo e Confessor da 1.ª Ordem. (Pio IX, 2 de Junho de 1851).

7.ª — No dia 30 — Santa Jacintha de Mariscotti, da 3.ª Ordem — (Pio VII, 27 de Novembro de 1807).

8.ª — No dia 31 — Beata Luiza Albertoni, Viuva, da 3.ª Ordem — (Pio VI, 10 de Março de 1781).

Parciaes:

Nos dias 1, 2, 8, 9, 15, 16, 22, 23, 29, 30, 198 annos e outras tantas quarentenas.

Nos dias 7, 14, 21, 28, 300 dias d'indulgencia.

Nos dias 16, 30, 256 annos e 50 quarentenas.

Virtudes a imitar

Illimitada confiança em Deus, que não exclua o temor.

Maxima de S. Francisco

A nossa alma está cercada de tres potentissimos inimigos — o mundo, a carne, o demonio, e está continuo exposta a seus assaltos; não deve pois dar-se por segura, mas combater com denodo sempre contra elles.

Erratas. — D'entre os diversos erros que tem tresmalhado na revisão das provas e que o leitor de certo corregiu, notamos uma inexactidão historica que se acha a pagina 266: Onde se lê que O glorioso Patriarcha S. Francisco d'Assis — *nasceu no anno de 1152*, leia-se *nasceu no anno de 1182*.

SECÇÃO HISTORICA

SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERVAL

(Traducção)

(Continuação do n.º 11)

CAPITULO IV

Os adversarios e os alliados de Rosa

Datava de ha dois seculos a lucta ingente, travada entre o papado e os Cesares allemães, o rijo duello entre «o sacerdocio e o imperio». Em tão longa peleja os dois gladiadores haviam apenas repoisado por alguns annos. Frederico II personificava por então os commettimentos e as aspirações imperiaes. E' exclusivamente escorados em testemunhos coevos e documentos officiaes, [1] que tentamos perfilar o potentado de que Rosa foi — por todos aspectos — adversaria irreconciliavel.

Os velhos chronistas franciscanos [2] oneraram-o de aviltamento e anathemas; [3] por mais ligeiramente que devassemos seu espirito, assás se nos deparam as indignações vingadoras, que inflammaram seus corações. Em crenças, costumes, principios politicos e sociaes, em tudo, foi o imperador allemão a anthitese do ideal até áquella epocha seguido pelo mendigo d'Assis e seus filhos. Seu reino, quasi em sua omnimoda universalidade, não foi — em synthese — mais que uma tentativa de restauração gentia — contraposta ao movimento de regenereção evangelica partido de Assis —, um tentame vingativo da incredulidade e da heresia contra a fé, um protesto da carne enraivada, contra as victorias do sacrificio e abnegação christã, uma resurreição audaciosa do absolutismo e despotismo antigos, que se extorciam por absorver a nova brisa de emancipação social, de liberdade communal, de progresso democratico, que acompanhava, como filha predilecta, as instituições franciscanas.

Soia dizer: — «o mundo foi embahido por tres impostores; — Moysés, Christo e Mahomet. [4] — «Só os insensatos, ousava ajuntar, hão persuadir-se de que Deus se fez carne e nasceu d'uma Virgem»... [5] «Ah! não ser eu assás poderoso para transformar a meu bel-prazer a religião dos povos!» [6]

Que maravilha, logo, que elle favorecesse os hereges, mantivesse a expensas proprias vinte mil sarracenos na Italia, [7] machinasse, no Oriente, a perda de Damietta

---

[1] Huillard — Bréholles, *Hist. diplom. Frederic II.* (Paris, 1851, in-4.º) — *Vie et correspondance de Pierre de la Vigne.* (Paris, 1865, in-8.º).

[2] Veja-se nomeadamente Salimbene, Chron. Parm.

[3] «Fridericus homo pestifer... Epicureus... semen discordiae». Salimbene, Chron. Parm., an. 1283, etc.

[4] *Vita Greg.* IX (ap. Muratori, *Script. rer. Ital.*, t. III. — Math. Paris, an. 1239. — Greg. IX, *Apologie* endereçado aos princepes e prelados (21 de Maio — 1239) ap. Labre, t. XI.

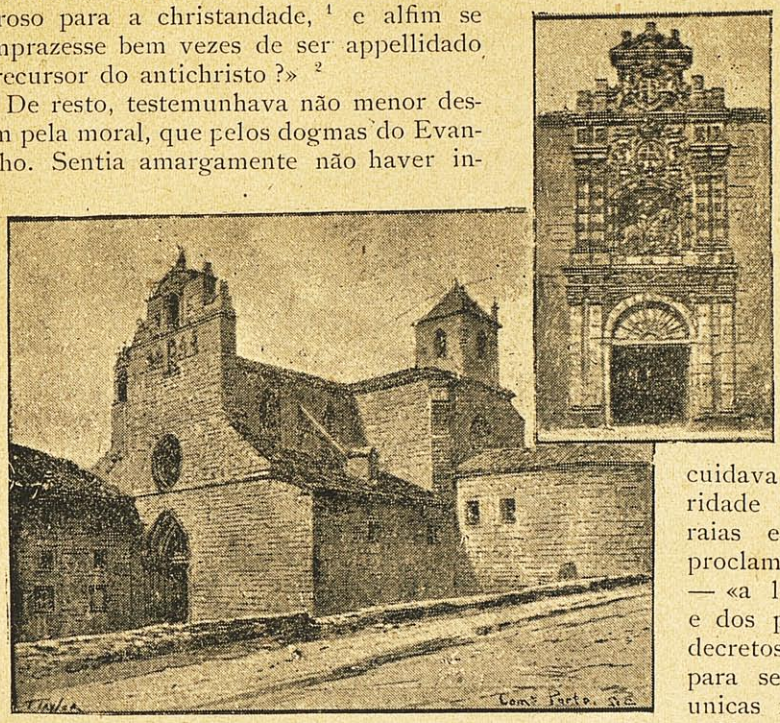
[5] Ibid. — Ibid.

[6] Erfurt, Chron. S. Petri. — Uldric, Chron., an 1245.

[7] S. Antonin, Chron., part. III.

e concluisse com o Sultão um tratado desastroso para a christandade, [1] e alfim se comprazesse bem vezes de ser appellidado «precursor do antichristo?» [2]

De resto, testemunhava não menor desdem pela moral, que pelos dogmas do Evangelho. Sentia amargamente não haver introduzir officialmente na Europa os costumes musulmanos. Esforçava-se sobre tudo por empestar a Italia e a Allemanha. N'este intuito, elle proprio a todos se avantajava publica e insolentemente em escandalos e pessimo exemplo. Convertera seu palacio em prostibulo. [3] Alliado a piratas, consentia-lhes arrebatar virgens christãs e abandonal-as em seguida á ferocidade sarracena, mediante um mesquinho obulo. [4] Afóra tudo isto, aspirava a substituir á realeza christã, e a fazer triumphar no mundo sobre as ruinas das nacionalidades e das immunidades populares — o cesarismo idolatra com todo o seu cortejo de escravidão.



EGREJA DE S. PEDRO DE CARDEÑAS

Intitulava-se «soberano de Roma e do universo»; Italia era, em seu dizer, patrimonio seu», [1] e as nações civilisadas demarcavam a «Europa imperial». A exemplo dos tyrannos d'outr'ora, cuidava exercer uma auctoridade absoluta, salva de raias e de critica; fazia-se proclamar por seus legistas — «a lei viva dos principes e dos povos». Seus editos, decretos, beneplacito — eram para seus jurisconsultos as unicas fontes de direito. [2]

Não ousava arrogar-se — como os Tiberios e os Caligulas — as apotheoses da divindade; restringia-se á ambição de empunhar em sua mão sublime o sceptro das almas e das consciencias; recogitava o desmoronamento do dominio temporal do Papa e a formação d'uma egreja scismatica — para lhe cingir a tiára e suster o baculo. [3]

D'onde se colhe, que era n'esta guerra de Gibelinos e de Guelfos, mal ferida, em vida de Rosa, mais do que nunca pelas campinas d'Italia, onde a humilde Terceira divinamente predestinada, devia desempenhar o seu papel decisivo. Certo não eram

---

[1] Michaud, «Biblioth. des Croisades», t. IV, (testemunhos dos historiadores arabes, particularmente de Dehebi, Makrisi, etc. — Missiva do Patriarcha de Jerusalem ao Papa (ap. Raynald, an. 1229). — Carta de Greg. IX a Frederico II, 28 de Fevereiro 1236 (ap. Raynald, an. 1236).

[2] Greg. IX, Apolog. (ap. Raynald). — Vita Grég. IX (ap. Muratori, Script. rer. Ital., t. III).

[3] Math. Paris — não obstante ser a pró de Frederico — Chron. an. 1243). = 5 = Ibid.

[4] Cart. de Frederic. ao arceb. de Messina. (Huillard-Bréholles, Hist. dipl. Fred., t. V., p. 707, t. VI, p. 146). — Raynald, an. 1236. — Cart. de Fred. ao rei d'Hungria (ap. Petr. de Vineis, Epist., lib. I, epist. 29 e 30.

[1] Cart. de Fred. aos reis de Franc. e Inglat. — Math. Paris, an. 1241.

[2] Eram as tradições do Cesarismo allemão que Geoffroy de Viterbo formulava n'estes termos: — «Coesar lexe viva stat, regibus imperativa... Conditor est legis neque debet lege teneri... Quidquid ei placuit legis ad instar erit. . (ap. Baron. an. III, e ap. Migne, t. 198).

[3] Sobre o systema religioso e politico de Frederico II póde consultar-se: — Hurillard-Breholles, Introd. à l'hist. diplomatique de Fréderic. II et Vic et correspond. de Pierre de la Vigne. — Bem assim Mgr. Audisio, Sistema religioso politico di Frederico II — Annali catholici de Gênes (25 d'Abril — 1866).

sómente — como o suppozeram certos escriptores myopes, a preponderancia e a soberania civis da Santa Sé, que se encontravam em scena; eram, sim, tambem a fé e a moral christãs, eram mais que tudo a independencia dos povos, os direitos da consciencia e o futuro da liberdade.

Se anhelamos, entre tanto, vir em conhecimento dos processos empenhados por Frederico na realisação de seus planos — domar, em particular, a Italia e escravisar o Papado, — prosigamos em nossa analyse historica.

E' pela perfidia e força brutal que tenta fundar e manter seus dominios. Seus partidarios e alliados machinavam tramas, organisavam solevamentos e pelejas no seio de cidades ainda autonomas; após, mal — mercê de seus manejos sestrosos — uma cidade, dilacerada por facções, se curvava ao imperador, começavam e succediam-se encarceramentos a encarceramentos, proscripções e proscripções.

Os que d'entre os nobres, commerciantes ou vulgo se revelavam affectos á independencia da patria, eram entregues sem commiseração ao verdugo ou condemnados a um captiveiro mais negro e affrontoso do que a propria morte. [1] Em 1247 — para exemplificar — durante o cerco de Parma, o imperador, tendo apresionado grande numero *d'independentes,* encerrou a uns mil em miasmaticos subterraneos onde pereceram de miseria e de fome. «Seus soffrimentos eram tão em extremo atrozes — escrevem os chronistas — que quando algum acertava de ser decapitado, todos invejavam e reclamavam a grandes gritos igual sorte». [2] Demais, Frederico tinha encontrado generaes dignos secundadores de sua fereza.

De tantos agentes vis da tyrannia imperial, nenhum poude affrontar-se com Ezzelino romano — seu genro — em fama de cruel. Por 1236 o pendão ominoso de Frederico tremulava já por de sobre Padua e Vicença. Para domar estas duas cidades, costumadas a immunidades democraticas, não estanca nem recua diante da mais feia atrocidade. Exigia, primeiro que tudo, refens de todas as familias distinctas; mandava derrubar pelos fundamentos as vivendas e palacios dos emigrados; em continente, fazia decepar, em publica praça, a cabeça aos fidalgos e burguezes cuja honradez de caracter e de crenças lhe futurava sombra (1239).

Construira em Padua as medonhas masmorras de «Zélies» e de «Malta», desventurados a centenas, com os olhos cavados, mutilados os membros, eram dia a dia promiscuamente coacervados com cadaveres. [1] Em Verona emparedava suas victimas em cisternas exgottadas ordenando-lhe tapassem a pedra e cal a entrada.

A este monstro de crueldade, que Dante — o Franciscano — em sua visão do inferno, nos representa eternamente mergulhada n'um lago de sangue fervente, [2] confia Frederico uma parte do norte d'Italia, sob o titulo de «Vigario imperial», e longe d'arguir e conter seus excessos, directamente lh'os approva e encomia até á morte. [3]

Ao mesmo tempo que o despota allemão esmagava os povos conquistados com sua tyrania de ferro, movia á Egreja uma implacavel perseguição.

Para exasperar os catholicos consentia que suas tropas profanassem as egrejas e os conventos, violassem, e sem pudor, os vasos sagrados, derrubassem os altares, espedaçassem as imagens e arrojassem ao lodo as reliquias dos santos. [4] No mais profundo de suas cidadellas tinha sempre aferrolhada uma multidão de sacerdotes e de religiosos. Em 1241 surprehendeu os cardeaes, arcebispos e bispos que se dirigiam a Roma no intuito de assistir ao concilio convocado pelo Papa, algemou-os, amontuou-os em navios e fel-os deportar para Salerno. [5]

Em 1244, em Sutri, ousou armar uma

---

[1] Rolandino, De factis in marchia Tarvisiana.
[2] Chron. Parm., ap. Muratori, t. XIII.

[1] Salimbene, Chron. Parm., an. 1247 e 1250. — Rolandino, de actis in Marchia Tarvis. — Gerardo, Vita di Ezzelino. — Verci, Storia degli Ezzelini (Bassano, 1789).
[2] Dante, Infern. XII.
[3] Petr. de Vineis, Epist., lib. II, epist. 25. — Cart. de Frederic. a Greg. IX (ap. Reinald, an 1236). — Cart. de Frederic, aos Cardeaes (ap. Reynald, an. 1239.
[4] Sentença de excommunhão de Frederico (ap. Reynald, an. 1239). — Bichard de San Germano, Chron. — Cart. do card. Rainier (ap. Raynald, an. 1248.)
[5] Petr. de Vineis, lib, epist. 8, 9 e 15. — Reynald, an. 1241. Math. Paris, an. 1241. — Cart. de S. Luiz a Frederico (ap. Raynald, an. 1241).

cilada ao proprio Soberano Pontifice: trezentos cavalleiros toscanos a ordem sua embuscados nos suburbios da cidade deviam lançar mão sacrilega de Innocencio IV. Mas o Papa evadiu-se-lhes durante a noite. [1] Certas paginas de sua vida parecem, em verdade, emprestadas da historia de Nero ou Diocleciano. [2]

Por um decreto lavrado em 1239 e endereçado ao capitão das Duas Sicilias, ordenava soffresse o supplicio do fogo todo aquelle que fosse convencido de haver recebido ou transmittido cartas do Papa, relativas á excommunhão, que lhe acabava de ser lançada. [3] Ao ver, em 1240, que uma nova cruzada começava a surgir, sob a presidencia de Gregorio IX, em soccorro dos direitos da Egreja, não houve represar seu furor. Ordenou prisão áquelles de quem se suspeitasse haver recebido a cruz. «Uns, são signalados bem crua e visivelmente — burilam-lhes uma cruz sobre a fronte com um ferro candente, outros vêem-se sem pés nem mãos, foram-lhe mutiladas; decepadas as cabeças a estes, aquelles são arremessados ás chamas. Grande numero de padres quinhoaram igual transe». [4]

D'entre as victimas clericaes e episcopaes do seu odio, conservaram, os chronistas, os nomes do bispo de Catania — seu antigo preceptor — que se morreu á mingua no exilio, do arcebispo de Tarento e dos bispos de Céfalu e d'Alifé, proscriptos.

A ordens suas, o deão de Malta foi afogado; o arcebispo de Napoles e o chantre de Messina morreram-se de fome n'uma masmorra; Nicolao, subdiacono, de Messina, foi queimado n'uma pyra; [5] alfim, de identico supplicio reporta o bispo d'Arezzo a palma de martyr, no mesmo momento em que Rosa abria o seu apostolado, alçava pela vez primeira a voz contra os oppressores (1248). [6]

Viterbo foi uma das sociedades centraes d'Italia que mais sentiu os effeitos desastrados da guerra entre o imperio e o Papado. Situada nos postos avançados de Roma, constituia uma praça importante. Os Imperadores grandemente se haviam esforçado por conquistal-a. Em 1240, graças á cumplicidade e traição de parte de seus habitantes, Frederico conseguiu entral-a. [1] Para segurar seu dominio e provocar os partidarios do Papa, fez levantar um sumptuosissimo palacio. A santa donzellinha vira elevar-se este monumento triumphal á força brutal — e seu coração saltava-lhe vezes e vezes d'indignação e de dôr, em face d'aquellas altas muralhas que se erguiam como um insulto á liberdade, como um ultrage sangrento ao Vigario de Jesus Christo.

(Continúa).

1 Nicolas de Courb, Vita Inn. IV (ap. Murotori, t. III., p. 592.) Reynald, an. 1244. — Barthol, (ap. Raumer, t. IV).

2 Salimbene, Chron. Parm., an. 1247 e 1250.

3 Prt. de Virreis, Epist., liv. I, epist. 19.

4 Vita Greg. IX. (ap. Raynald, 1240).

5 Ibi. — 4 — Raynalda, an. 1248.

6 Raynald. an. 1240. — Cesare Pinzi, *storia d'ella citta di Viterbo,* lib. IV, cap. I.

1 Ibid. — Os Archivos de Viterbo (sect. S. Sixto) guardam numerosos documentos relativos a esta construcção e ás expropriações que ella importa. Passante de 40 pequenas vivendas foram demolidas para cederem local ao palacio imperial.

Pensamentos

No culto do atheu, as dores humanas queimam incenso, a morte é o sacrificador, o altar um tumulo, o nada a Divindade.

(M. DE CHATEAUBRIAND, *Genio do Christ,* I.)

A instrucção não vale nada sem a educação, e a educação nada vale sem religião.

(GUIZOT, Protestante, no *Discurso,* 1852).

A indifferença philosophica é similhante á tranquillidade do Estado sob o despotismo; é a tranquillidade da morte; é ainda mais dissolvente que a mesma guerra.

(ROUSSEAU, *Oeuvres,* tom. XXXI).

Uma fé é a primeira necessidade do homem.

(VICTOR HUGO, *Les Misèrables,* l. VII, 88.)

Se o evangelho é um erro, tal erro é, que faz os homens felizes.

(O IMPIO VOLTAIRE, *Epitre a Uranie*).

O remorso é o bom pensamento dos maus.

(ALMEIDA GARRET).

A miseria nem sempre é a consequencia do peccado pessoal; muita vez o é do peccado economico e do peccado social.

(Le XX.e SIÉCLE) *La Renovation sociale,* (Août 1897).

ANECDOTAS

Um professor dava o seguinte exemplo a um dos seus discipulos :

— Seu pae foi á caça, da primeira vez matou duas lebres, da segunda tres, e da terceira cinco; quantas lebres matou?

— Nenhuma, respondeu o discipulo, sem hesitar, meu pae sempre erra fogo.

*

Uma senhora bisbelhoteira e uma amiga:

— Sempre tens um nariz muito grande!

A amiga, abespinhada :

— E' porque o não gasto, mettendo-o... nas vidas alheias.

*

— Mas então o menino gagueja muito?

— Não, senhor, é só quando fallo.

*

Um estrangeiro visitando a cathedral de Bourges, viu entre muitas curiosidades, uma caveira de adulto:

— De quem era este craneo? perguntou ao ciceroni.

— De S. Agostinho — respondeu elle.

— E esse outro? — perguntou, apontando para um craneo pequeno.

— Esse?... era... do mesmo santo quando era menino, replicou o cicerone, sem pestanejar.

*

Calino leva um annuncio á redacção d'um jornal.

— Quanto custa a publicação d'este annuncio duas vezes?

— A primeira vez 20 reis cada linha e a segunda 10 reis.

— Então publique-m'o só na segunda.

Leituras amenas

HISTORIA DE NATAL

M. Jales Delahay escreveu-nos a historia seguinte sobre o Natal, que depois de ouvida a uma pobre mãe a chorar, elle offerece ás creanças, e nós aqui gostosamente reproduzimos:

A's creanças

RAM duas pequeninas. Uma tinha seis annos, e chamava-se Germana; a outra contava apenas tres, e chamava-se Joanna. Ambas lindas que era um encanto.

A mais velha, de rosto comprido e feições delicadas, ajuizada e pensadora, dil-a-heis o anjo da Guarda da mais moça, que, por muito travessa, principiava já de revelar inquieta curiosidade, e medo inconsciente da vida.

Oh! Como era orgulhosa e feliz aquella mãe contemplando-as e mostrando-as a todos! Mas era demais para ella o lograr por muito tempo de tamanha felicidade.

Não haveis notado como as meninas cuja ideal belleza e definido candor ha pouco admirastes, se viram gostosamente para o céo e desdenham com energia a terra? Ha tres mezes que as vi a ultima vez, e lhes dei um abraço de indizivel saudade.

A ausencia me fazia já esquecido d'esta familia, quando um feliz acaso m'a deparava ha coisa d'um mez, na casa d'um meu velho amigo. Só lá encontrei Joanna, muito crescida, e bastante séria. Anciei então por vêr o rosto empallidecido da triste mãe para me inteirar de que a dôr a tinha já visitado, e para sempre marcado.

Não tive alma para tocar-lhe em Germana, como quem já sabia da sua desgraça. Ella porém adivinhou-me o pensamento, e, sem contemplações, me fallou assim:

«Adivinhastes: ella morreu o inverno passado. E sua morte foi um delicioso capricho da sua vida.

«Estaes lembrados d'aquella sua notada mobilidade, d'aquella imaginação dôida por historias, d'aquellas tendencias ao extraordinario.

«Andando lá sempre por um paiz de sua invenção, por um pequenino mundo de chimeras, que ella sonhava para o prazer e para a dôr, mettia-se com frequencia em algum recanto, para ahi se ajustar com mais acerto aos seus planos. Então fallava alto, chorava, ria ás gargalhadas: a sua adoentada imaginação exaltava-se cada vez mais.

«Eu andava já de muito com os olhos n'ella, quando, uma manhã, se veio a mim dizer em tom de tristeza e supplica «Mamãe, eu queria ter azas»!

— Tu bem sabes, minha filha, lhe disse eu, que isso de ter azas, só anjinhos ou passaros.

— Mamãe, quereria tambem eu ser anjo ou passaro.

— Mas isso é impossivel.

— Então não me disseram já tanta vez que nada é impossivel ao bom Jesus no dia de Natal?

— Sim, mas Jesus quer sómente o util e o rasoavel.

— E as azas, mamãe, não são bem mais uteis e rasoaveis que os brincos?

— E eil-a ahi a dar fundos e incuraveis soluços.

Para a consolar, tive de prometter-lhe que Jesus lhe havia de pôr azas em o proximo Natal, se ella fosse muito bôa.

— Sim, mamãe, farei tudo que me pede.

«De então para cá era vêl-a casta, docil, applicada, muito applicada sempre, e tudo isto com inexcedivel esforço. Em sua intelligencia aberta e pensativa nada havia de infantil, a menos que a tal convicção das azas. E esta gravidade prematura no modo de pensar junta com irrealisaveis desejos me redobravam cuidados.

«Da minha parte ia-lhe pouco e pouco mostrando como Deus não tem de costume trocar a natureza das coisas, para só dar gosto a algumas poucas meninas; como homens, de grande sabedoria tentaram desde o comêço do mundo, fazer este milagre, querendo atirar-se aos ares a modo de aguias, o que, todavia, não lograram. Insistir era fazel-a desatar em pranto.

— Os sabios, pois os sabios sim, mamãe, mas o bom Jesus no dia de Natal!...

Tal era, (digamol-o assim), a dôce loucura que lhe aguava o cerebro. Não havia despersuadil-a de que as meninas podiam voar, pois que todas as noites se encontrava acima da terra e das casas, lá muito em cima, sacudindo-se nos ares vencendo as cotovias e cavalgando as nuvens.

O inverno chegava, e nos campos branquejava a neve, celeste pennugem, dizia Germana, d'azas d'anjos batidas no céo, abertas por sobre o mundo para lhe cobrir as maculas. E isto dizendo, me não deixava, — que tambem ella queria ter assim azas largas e brancas. Tive que preparar-lhe a recompensa bem vezes promettida e mais ainda ganhada, como quem já previa desgostos. Dispuz eu mesma duas bonitas azas, o melhor que pude, em fina e esmerada cassa com cercaduras de prata; deixeilh'as á travesseira para que as visse logo ao despertar na noite do Natal.

Não tem contar a surpreza de que ficou tomada Germana com a tal apparição das azas. Prendeu-as logo aos hombros, e foi pôr-se ao espelho de mãos postas, olhos no céo e attitude de adoração, para ver assim uma menina transformada pelo bom Jesus.

Depois alguns esforços para levantar vôo: mas baldados esforços. Chegou emfim a desillusão e com ella o chôro. Estava deveras enganada, e não o queria tornar a ser.

Debalde lhe repetia eu que ella era já bastante edosa para se deixar de contos do Natal; que eram sempre as mamães as que em nome do bom Jesus vinham pôr os brincos na chaminé ou á travesseira; e que nunca lhes foi dado fazer azas de verdadeira *carne* como Germana queria.

Mas isto vinha já tarde: o seu pequenino cerebro era já tomado. Absorvida por sua porfiada illusão, irrequietava-se mais e mais, empallidecia a olhos vistos, emmagrecia, finava-se. Até uma vez me foi preciso mentir-lhe, e dizer-lhe que se ella fosse ainda muito boa, o bom Jesus lhe daria azas como as dos anjos.

E eil-a cada vez mais docil e meiga e curiosa de instrucção que nunca, mas volvendo sempre a sua teimosa illucinação.

Seu espirito vagando pelas regiões immensas do sol, das estrellas e dos planetas, gozava-se de os contar um por um, e seguir em seu movimento os orbes que luziam e rolavam acima da sua cabeça.

— E Deus, aonde está Deus?

— Ahi filhinha, e ainda mais longe; acima sempre.

— E o ultimo dos mundos?

— Mysterio, filha! Quem me não diz a mim que Deus se reservou o infinito do tempo para semear no indefinado espaço novos mundos? D'entre esses talvez haja um em que a gente o veja mais de perto, comprehenda melhor, e lhe diga sempre, adorando, amando e cantando, — *Gloria in Excelsis Deo.*

—Como no dia de Natal? accudiu Germana. Esse então é o derradeiro mundo: é o ceo. Pois é para lá que eu hei de voar quando já tiver azas.

No entretanto tinha-se chegado o dia, o grande dia para Germana. Que será isto! Perguntava-me eu a mim mesma, quando vi a pequenita esfalfada, á mercê de seus velhos cuidados, e caseira doença.

Ah! Foi esta doença precisamente a que veio pôr termo a minhas crueis inquietações. Oito dias antes do Natal, Germana repassava-se de calefrios. Deitou-se. A febre requeimou-a como um grão de incenso, e o medico pronunciou a terrivel palavra — *incuravel!*

«Se a vireis soffrer sem a mais leve queixa, tomar os remedios todos para alcançar o dia, em que Jesus ao passar, lhe daria *azas vivas!* Ainda mais uma vez a

tomou febre, que muito ao contrario de as diminuir, lhe dobrou as esperanças: — azas e nada mais, sempre as azas para se ir lá muito acima até ao ultimo dos mundos.

«Estamos na vespera do Natal, lhe disse eu, á tarde, para a despegar do somno. Fitou-me os olhos, e sorriu-se... Depois poz-se a olhar lá não sei para que d'invisivel coisa, a animar-se, a dizer palavras sem proposito... N'um repente ergue-se vestida na sua camisa branca, a bater as mãos, e a cantar gozosa *Gloria in excelsis Deo,* apontando-me sempre para a tal coisa invisivel. «Acolá, mamãe, acolá, olhe, é o bom Jesus que m'as traz...» No fim, cahindo por cima do leito, como ave ferida, abateu a fronte, e cerrou os olhos.

E assim morreu, em pleno somno, feliz por ter ganhado *azas vivas.*

No ponto em que aquella desditosa mãe rematava a sua dolorosa historia, para só dar largas ao pranto, a pequena Joanna, assentada não muito longe entre seus bonecos, se ficava por sua vez extatica.

A mãe, como isto notou, me disse: «Esta tambem a namora o céo; mas Deus louvado, que nunca me rogou impossiveis...»

CULTO DE S. ANTONIO

Novos membros da Pia União — Desde 15 do mez passado entraram na Pia União os seguintes associados:

Patriarchado de Lisboa	108
Lisboa (Mercês)	86
Fartaria	13
Cenxara do Bispo (Quinta das Bouças)	9
Arcebispado de Braga	58
Valloura	29
Barbedaes de Baixo	20
Villa Cova	9
Diocese do Porto	61
Porto	1
Fregim	9
Mancellos	3
Santos	8
Agueda	5
Borralha	5
Tabaco	11
Talhadas	17
Alhandra	2
Diocese do Algarve	18
Portimão	18
Diocese da Guarda	1
Guarda	1
Varias partes	25
Total dos associados	105:296

BRAGA

Durante o mez de novembro foram depositadas 128 cartas, sendo 107 a pedir varios beneficios e 21 a agradecer graças recebidas.

Ahi vão algumas d'essas cartas:

Petições

Milagroso Santo Antonio. Pelo vosso patrocinio concedei-me a graça de eu parar n'esta vida desgraçada, que tenho seguido, antes que a justiça divina me precipite nos tormentos eternos. Se me concederdes esta graça prometto-vos a esmola de 500 reis para o pão dos vossos pobresinhos, e juntamente prometto fazer duas communhões por vossa intenção. — *Um vosso devoto.*

— Glorioso S. Antonio peço-vos a conversão de umas pessoas da nossa familia, e as liquidações de umas contas o mais breve que possa ser; tudo para honra de Deus e salvação das nossas almas.

Glorioso Santo, se me concederdes esta graça, dou-vos 2:500 para o pão dos pobres. — *4 de novembro de 1897.*

— Bom e glorioso Santo Antoninho. A vós se dirige um vosso affeiçoado, que deseja fazer no dia 24 do corrente, em Lisboa, concurso para escrivão de direito do Ultramar, pedindo para isso a vossa protecção. E se vós lh'a concederdes enviar-vos-ha a esmola de 1:000 reis, para o pão dos pobresinhos. — *Agueda.*

— Antonio Santo. Pelo amor que tivestes a Jesus, e pelo amor que Elle vos teve, e pela alegria que sentistes quando pela primeira vez o recebestes em vossos braços, assim como pelo goso que tivestes quando vestistes o vosso habito; vos pedimos que nos attendaes, alcançando-nos de N. Senhor a graça que sabeis, e se formos attendidas vos promettemos 6:000 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

Oh! vós que tanto vos comprazeis em valer ás necessidades, comprazei-vos tambem agora em nos soccorrer. — *Lamego — Uma Filha de Maria.*

— Meu querido Santo, obedecendo a um pedido que me fizeram para vos escrever, em nome d'essas mesmas pessoas vos escrevo e vos peço que em memoria da paixão e morte de Jesus Christo lhe attendaes e ouçaes os seus pedidos, pois creio que serão justos diante de Deus como me disseram. Remetto 100 reis de cada uma pessoa, e se ellas obtiverem de vós o que pedem, vos darão uma esmolinha para o pão dos vossos queridos pobresinhos que tão liberalmente soccorreis.

Aproveitando-me d'esta occasião, ó meu bemdito Santo, vos peço que me assistaes na minha afflicção!... permittindo que eu receba o que

sabeis, pois vos prometto 40 reis para os vossos amados pobres. O pedido é grande e a esmola é pequena, mas nunca me esquecerei d'esta graça. Peço-vos mais outra que não ignoraes. Ouvi-me e attendei-me em nome de Deus. — Espera em vós *Uma Filha de S. Francisco.*

—O' meu Padre Santo Antonio, bem sei que sou indigna de que vós me façaes algumas graças, mas com tudo vos peço de todo o meu coração, e vós bem sabeis a afflicção em que vivo. Dignae-vos, glorioso Santo, de ouvir esta pobre peccadora e despachar a minha supplica, dae-me a paz e a todos os meus; eu vos envio uma esmola para os vossos pobresinhos. — Uma inutil serva vossa e filiada na Pia União. —*M. P. de A.*

—Meu milagroso Santo Antonio, protejei-me para a minha salvação.

Dae-me boa memoria para que possa aprender bem e livrae-me do somno que me possa ser perjudicial ao tempo em que hei-de estudar e fazei que eu vá fazer exame no anno de 1898 e que fique approvado, que vos dou 10$000 reis para o pão dos pobres. — *Seixo de Ancães, 17 de novembro de 1897.* — *J. M. F. S.*

—Meu rico Santo Antonio, eu vos peço que me tireis meu filho da vida em que elle está e que vós o leveis para bom caminho, como vos tenho pedido. Prometto-vos 500 reis para os vossos pobres e se me fizerdes o milagre agradecer-vos-hei.

Acções de graças

Milagroso Padre Santo Antonio: — Visto me teres livrado do recrutamento a meu fiilho Manoel por quem com tantas lagrimas te pedi, e visto reconhecer o vosso poder e o vosso milagre de converter em tão facil o que era tão difficil, vos venho agradecer e entregar a quantia de 1$000 reis para pão dos vossos pobres, e vos prometto que a graça que concedestes será sempre reconhecida por esta vossa admiradora e humilde serva. — *Maria.*

—O snr. José Joaquim Fernandes Braga, do concelho de Vieira, tendo sua senhora em perigo de vida já abandonada da medicina interessando-me muito por esta familia, lhe disse que se deixasse de medicos: que eu me hia interessar a Santo Antonio, que me desse licença para lhe prometter uma promessa. Respondeu-me, que, promettesse o que quizesse; prometti vinte mil reis; milagre visto aos olhos: começou a melhorar dentro em pouco tempo, ficou restabelecida, agora aqui lhe entrego a quantia acima prometida faço esta declaração para augmento da fé dos milagres do nosso Santo Antonio.—*Braga, 13 de novembro de 1897.* — *C. M.*

—Meu glorioso Santo Antonio, remetto-vos 500 reis para o pão dos vossos pobresinhos em satisfação da graça que por vossa intercessão recebi; continuae a soccorrer-me nas minhas afflicções que eu nunca me esquecerei de vós. — *Vosso devoto M. A. G. — Ponte do Lima.*

—Meu caro Santo Antonio. Remetto-vos os 50 reis que vos prometti para o pão dos vossos pobres. Peço-vos que continueis a proteger o meu tio; e que nos façaes felizes a todos. — *C.*

— Meu glorioso Santo Antonio. Depois de ter cumprido o voto que vos prometti, venho junto do vosso altar novamente agradecer-vos o grande milagre que me fizestes. Pois já ha annos que eu soffria uma enfermidade de que os medicos me queriam fazer uma operação, mas logo que implorei a vossa protecção fiquei completamente são. Por isso vos peço perdão de algumas faltas que eu tivesse em cumprimento do que vos prometti.

O' meu Santo bemdito, quem me dera poder juntar todas as linguas que ha no mundo e dizer commigo em alta voz: Bemdito Deus nos seus santos. — *Uma indigna serva.*

— Meu bom Santo Antonio. Agradeço-vos o terdes-me livrado de tamanha afflicção, jamais esquecerei uma graça tão singular. Fazei agora o resto para eu cumprir com o que vos prommetti. — *F. A.*

— 1$300 para Santo Antonio de uma graça concedida.

— Meu glorioso Santo Antonio. Eu vos agradeço a graça recebida: e mais vos agradeço por vossa liberalidade em me fazerdes mais de que vos pedi; e satisfaço hoje o que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos, e peço para ser isto poblicado: pois que foi assim minha promessa.

— Glorioso Santo Antonio, agradeço-vos a graça de terdes alcançado que meu pae, na grave doença que teve, podesse receber os sacramentos. E' pouco o que vos mando, mas bem sabeis que não posso mais. Fazei-me cumprir bem os deveres do meu estado e dae-me uma grande confiança no vosso poder. — *Um indigno devoto vosso.*

— Agradeço-vos, glorioso Padre Santo Antonio, a graça que me fizestes de me alcançardes a saude, quando estava gravemente enfermo. Envio-vos para os vossos pobresinhos 5:000 reis, promessa que vos fez minha mulher.

Peço-vos que sejaes sempre o meu protector, e, se vos dignardes fazer-me o que vos pedi e peço, dar-vos-hei, meu glorioso Santo, para os vossos pobres a esmola promettida. — *Um assignante da «Voz de S. Antonio».*

—Meu glorioso Santo Antonio. Depois de ter procurado as minhas chaves durante 8 dias, estava resolvida a arrombar a gaveta, porém esta manhã pedi novamente em memoria das tristezas que tivestes quando condemnaram o vosso pae, e quando vos accusasam de ter comido carne n'um dia de jejum, bem como pelo amor que tivestes por Jesus e Maria Santissima que fizesse com que eu achasse as chaves.

Como as não encontrasse, fui buscar as ferramentas e comecei a arrombar a gaveta, tendo o cuidado em antes de verificar se ella estava fechada.

Dei algumas pancadas, puxei pela gaveta e qual foi o meu espanto ao ver que ella se abriu, com a fechadura intacta e as chaves dentro.

Fiquei abysmada e chamei pela creada que confirmou que a gaveta estava fechada, pois já tinha ido vêr se ella estaria aberta.

Venho agora cumprir a minha promessa escrevendo esta carta, e pedindo ao mesmo tempo perdão por não ter feito logo, e agradeço-vos este grande milagre.

Envio a quantia que prometti e mais alguma coisa para o pão dos vossos pobres.

Mais uma vez agradeço-vos e peço que lanceis sobre a minha familia e creadas a vossa ben-

ção. — *Vossa devota serva — Maria — 1 — 11 — 97 —Braga.*

—Meu milagroso Santo Antonio. Sendo vós um protector sempre solicito em conceder immensas graças a quem com fé vos supplica, e sendo eu um dos contados, pedi e fui attendido no que desejava. Por isso, vos remetto 500 reis para os pobresinhos.

Espero agora, grandioso Santo, me ajudeis a pagar todas as minhas dividas até ao fim do anno corrente. Peço-vos isto humildemente com todas as veras do meu coração.

Não sou merecedor dos vossos auxilios, mas como fui attendido no primeiro tenho immensa fé me ajudareis no segundo.

Logo que possa e tendo alcançado o que desejo, vos mandarei uma esmolinha para o pão dos pobrezinhos. — *Ponte do Lima 3 — 11 — 97 — Um assignante da «Voz».*

— Remetto-vos, meu glorioso Santo Antonio, a quantia que vos prometti. Dignae-vos pedir a Maria Santissima por mim. Não vos esqueçaes do que vos pedi; se fôr para gloria de Deus fazei que eu o consiga, se não fôr fazei que me esqueça inteiramente para seguir minha obrigação.

Abençoae o que sempre vos quer amar.—*A. S.*

— Glorioso Santo Antonio. Agradeço-vos o pedido que me attendestes, feito em 2 de outubro, e venho por este meio satisfazer a promessa que vos fiz.—*22—11—97.—A. da C.*

— Meu querido Santo Antonio. Envio-vos 200 reis que vos prommetti pela graça que me fizestes, a qual muito vos agradeço.

— 1:000 reis em agradecimento de um milagre feito por Santo Antonio. — *Povoa de Lanhoso. — A. J. M. F.*

—Milagroso Santo Antonio, dou-vos a esmola de 600 reis para o pão dos vossos pobresinhos pelo milagre que me fizeste de me sarar da molestia que ha mezes padecia. — *Um vosso devoto, da fregaezia de Frades. — Povoa de Lanhoso.*

LISBOA

Centro Parochial dos Anjos

Como de costume fizemos n'este mez os exercicios de piedade com muita devoção e fervor: — Missa e Corôinha de Santo Antonio em todas as terças-feiras de manhã, e de tarde *pratica* e distribuição do *pão* a 80 pobres, e na 1.ª tambem a recitação da Corôa Angelica e Benção do SS. Sacramento; e no 4.º Domingo de tarde teve logar a *Reunião mensal* com *pratica* e Benção do SS. Sacramento. O cofre do Pão dos Pobres tinha 23:000 reis. No das *Petições* havia 12 cartas pedindo algumas graças e no das *Graças* havia 8 agradecendo varios beneficios espirituaes e temporaes.

Eis algumas:

Petições

— Meu querido e glorioso Santo Antonio. Venho a vossos pés, cheia de confiança, supplicar me despacheis uma graça que ardentemente desejo, se fôr para honra e gloria de Deus e de minha salvação e bem de todos com quem tenho de viver. Se me fizerdes isto, prometto eu e o Luiz entrarmos para a Pia-União de Santo Antonio e dar uma esmola para o pão dos pobres. — *A.*

— Meu querido Santo Antonio. De vós depende o apparecer o que sabeis; mesmo para bem da Religião convem que appareça... Socegae aquella afflicta alma. Para vossa gloria fazei mais este milagre. Fazei tambem que a pessôa que sabeis, venha antes do dia 8 de dezembro. Se fizerdes isto os vossos pobresinhos terão uma esmolinha. — *Amen.*

—Bemaventurado Santo Antonio. Pedi ao Menino Jesus que me dê forças para poder continuar e concluir os meus estudos afim de que para o anno futuro eu possa fazer bem, o meu exame; pedi-lhe que me dê muita attenção e vontade de estudar. Eu prometto logo que satisfaça ás lições e ao meu professor, pedir ao Papá uma esmolinha para o pão dos vossos pobres. Não negaes esta graça ao pobre seminarista.— *J. C. A.*

—Glorioso e Bemdito Santo Antonio. Sêde o protector do meu filho; guiae-o pelo caminho do bem; fazei que elle estude com muita diligencia para poder conseguir o fim que se propõe e não seja expulso. Logo que me conste ter meu filho dado conta das lições, prometto dar-vos uma esmolinha para os vossos pobres. — *Uma mãe afflicta.*

—Bemaventurado Santo Antonio. Fazei que no proximo mez seja julgada a favor do meu marido a *questão* que elle intentou para lhe serem pagos seus ordenados e os seus desembolsos e que lhe não faltem os precisos para elle confundir os seus inimigos que tanto o projudicaram e calumniaram. Se elles forem obrigados a pagar, eu prometto ir no dia seguinte ouvir uma missa ante a vossa Imagem e dar-vos uma esmola para o pão dos vossos pobres, que será mais avultada logo que elles paguem. Lembrae-vos de mim e alcançae, compassivo Santo, esta grande graça. — *Vossa serva, Maria.*

—Mais outras pedindo curas de diversas doenças, livramento de soldado, de tribulações, etc.

Graças

Bom Santo Antonio. Eu vos agradeço por me terdes ajudado a estudar afim de fazer exame. Só vós com a vossa poderosa intercessão me podereis ter alcançado tão bom exito; é por isso que vos agradeço e vos offereço esta pequenina esmola. — *Vossa devota. — E. N.*

—Meu Bom Santo Antonio. Agradeço-vos a graça que me fizestes em me alcançar que aquella pessoa se fosse confessar. Dae-lhe a perseverança, muita humildade e obediencia. — *Uma devota vossa.*

Ha varias outras agradecendo diversos favores de curas, bom exito em negocios importantes, etc. etc.

Falleceram mais duas associadas do nosso Centro e pedimos a caridade de rogar a Deus pelo